

*Em 1975, vindo de umas férias, com esposa e filho (esse contava três anos de idade), fizemos uma visita ao Chico, em Uberaba. Sala cheia, como sempre, fila ziguezagueando dentro e fora do salão, esperei a oportunidade e consegui chegar ao médium. Conversando sobre determinado caso, Chico me informou: — “Há aqui um médico homeopata e eu vou ouvi-lo, sobre o nome do remédio”. - Pensei eu estivesse o médico na assistência, mas Chico se levantou, para ir à cabine de recepção de mensagens. Ficou de pé, na porta, pois um grupo de senhoras cercou-o, não lhe dando ensejo nem de entrar na cabine nem de sentar-se. E o tempo passou - meia hora, no mínimo. Meu menino, no braço da mãe, demonstrava cansaço e eu, receando prolongar-se a espera, propus ao Chico me deixasse levar a família ao hotel e, depois, ficaria na sala aguardando, o tempo que fosse preciso, o resultado da conversa que ele viesse a ter com o doutor. - “Não é preciso - observou - aqui está o nome do remédio”. E desdobrou um papel branco, contendo o nome do medicamento, o do laboratório, seu endereço e apreciações outras - tudo gravado à tinta manuscrita. - Estivera eu todo o tempo a seu lado e não tenho dúvida de que ele não escreveu nada, nesse período, pois as inúmeras consulentes não lhe deram folga. O papel apareceu em sua mão, com os elementos de orientação bem expressos.*

*Falei, outras vezes, com o Chico, mas nem tive oportunidade de tocar no assunto com ele, fazendo as minhas perguntinhas de acupuntura. Nem mesmo lhe contei que, chegando daquela vez mesmo, a Goiânia, telefonei para São Paulo, encomendando o remédio cujo nome apareceu inentendidamente no papel branco.*

*E que veio do outro lado do fio, a informação: - “Como o senhor sabe desse remédio? Agora é que estamos acabando de o produzir!”*

## BERNARDO ELIS

Membro da Academia Brasileira de Letras,  
Membro da Academia Brasileira de Letras,  
Membro da Academia Goiana de Letras,  
Membro do Instituto Histórico Geográfico de  
Goiás, Membro da União Brasileira de  
Escritores. Tem publicadas nove obras, sete de  
ficção e duas de ensaio, inúmeras crônicas e  
contos literários.

*“Minha jovem repórter, você me pediu a impressão sobre Chico Xavier e eu fiquei de dar.*

*Digo-lhe que pensei muito sobre o assunto e pareceu-me prudente calar. O momento é para falar de divórcio, de controle de natalidade, de mordomias, novelas de televisão e acima de tudo é para se falar de título eleitoral, esse documento que ultimamente vem assumindo uma importância formidável, embora eu não possa compreender a razão. Estamos, pois, num tempo de mulheres nuas (ou quase, não sejamos exagerados!), num tempo de piadas. Você já viu o Brasil está cheio de piadas? Não, ninguém que não tenha a última (muito boa) para contar assim meio no cochicho, que parede tem ouvidos... E Chico Xavier é assunto sério. Imagine que ele só pensa em dar, num tempo de tomar de qualquer maneira; ele só fala no próximo, num tempo em que todos são distantes; fala do outro mundo, num tempo em que o tempo é pouco para devorar este nosso pobre mundinho; ele fala de caridade num momento que a suprema felicidade é ver arder a barba do vizinho. Então esse homem é um perigo. Contudo, como você está cobrando, vou falar de Chico Xavier quase em tom de piada. É o caso que Voltaire entendia que os patrões só deviam empregar criados que fossem cristãos convictos. Dizia que um cristão convicto verdadeiramente é incapaz de roubar o patrão e nessa segurança reside a paz na terra. Mas se Voltaire ficou aí, outros filósofos prosseguiram no raciocínio e concluíram que um cristão convicto oferece ainda outra comodidade: a do patrão desonesto roubar impunemente o cristão convicto, para quem só valem os bens do outro mundo. Por aí você pode imaginar. Se todos os que vivem do próprio trabalho, nesse mundo fossem cristãos convictos, o mundo seria o paraíso dos patrões (desonestos)! Nesse pontinho é que divirjo um pouco de Chico Xavier: naquilo que ele possui de humilde, manso, desprendido dos bens terrenos, atitude que é uma delícia para os patrões desonestos e para os donos*

A obra de Chico Xavier ainda não está devidamente divulgada no exterior. Poderíamos fazer um prognóstico: quando for divulgada, terá maior projeção do que tem aqui no Brasil. Sugiro que traduzam para o inglês as obras psicografadas por Chico Xavier. É urgente!

HERNANI GUIMARÃES ANDRADE - São Paulo-SP

... Chico querido, você é a própria imagem do amor, so posso lhe dizer, eu te amo...

HEBE CAMARGO



## BERNARDO ELIS

do mundo. "Faze-te de mel que as abelhas te comem" - já diziam os portugueses de outrora. No mais, se existir santo Chico Xavier é um dos maiores; se houver Céu, dele será o melhor lugar, salvo se por lá já não houverem chegado os desonestos, ambiciosos, hipócritas e outros seres que é costume chamar poderosos."

ELY  
BRASILIENSE

Academia Goiana de Letras, Ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, Membro da Academia Maçônica de Letras do Rio de Janeiro. Tem publicado dez livros.

"Tenho profunda admiração pelo trabalho de Chico Xavier, e dedico-lhe o maior respeito. Beijar-lhe-ia a mão, se tal gesto não representasse a hipocrisia e o exibicionismo de todos os tempos. Admiro-lhe a coragem, a persistência e a dignidade com que vem desempenhando essa sublime tarefa que lhe foi confiada na Terra. Não é fácil. Sabemos que muita gente tenta, com os acenos da grande imprensa, ofuscar essa obra, procurando explorar a vaidade que o grande médium não possui, no sentido de forçá-lo a gritar a todo mundo que tudo é fruto de criação sua, de seu talento literário. Se assim o fizesse, já estaria na Academia Brasileira de Letras, vestido com a mortalha mais cara do mundo. Não condeno aqueles que duvidam da psicografia. Os dez mandamentos, quem ditou?

Charles Dickens concluiu seu romance THE MISTERY OF EDWIN DROOD com a colaboração de um iletrado aprendiz de mecânico, T.P. JAMES, e nenhum crítico, por mais severo que se mostrasse, conseguiu descobrir onde terminava o manuscrito e onde começava a parte mediúnica. Tal acontecimento se registrou em 1872.

A mediunidade não é qualidade inata; é um dom para aqueles que são escolhidos pelos mentores espirituais, depois de observados cuidadosamente por muito tempo. A falsa mediunidade é um perigo para a própria pessoa que tem a ilusão de possuí-la, sem merecimento. Francisco Cândido Xavier é um dos grandes escolhidos da atualidade."

Chico, neste cinquentenário mediúnico, lega-nos a maior dádiva que possa existir: A certeza certa e absoluta da continuidade da vida após a morte.

DOMÉRIO DE OLIVEIRA

IRON  
JUNQUEIRA

Jornalista, Escritor e Poeta.

O maior mérito de sua vasta obra literária é que ela é toda revertida em prol do Lar Humberto de Campos em Anápolis, que ele não só dirige, mais convive no dia a dia com aqueles pequeninos desfavorecidos pela sorte, como um verdadeiro pai e mestre.

"Grandes eventos se registraram ao longo deste século, em todos os campos da atividade humana, principalmente nestes últimos cinquenta anos, quando a humanidade fora fartamente enriquecida com os extraordinários benefícios da ciência, que se expandira com amplitude e de maneira geral, amenizando sofrimentos e proclamando eureka a antigos e complexos desafios; em termos de futuro, nenhuma obra foi tão marcante como a construção de Brasília que, segundo entendidos, será, em futuro breve, a Capital das grandes decisões para a felicidade de todas as criaturas.

Mas em se reportando ao progresso espiritual dos homens, quase que somente a Dor tem sido o anjo distribuidor das mais profundas e verdadeiras lições, entretanto, ao lado dela, com destinação aos que desejem evoluir optando pelo SERVIR e não pelo SOFRER, existe, para a ventura de milhares e milhares de pessoas, a mediunidade sublime de Francisco Cândido Xavier, através da qual os espíritos dos que nos precederam ao túmulo nos provam a sua imortalidade, nos falam da glória eterna do Bem, nos concitam ao trabalho, à Virtude, ao Amor, à Caridade que "fora desta não há apelação" — e, principalmente, nos tornam imensamente felizes, por nos darem tanta esperança e nos falarem de um Deus tão bom, verdadeiramente Pai, bem ao contrário daquele Deus tirano que dava castigo eterno aos filhos que erravam.

Milhares e milhares de criaturas estariam hoje nas vascas do sofrimento ou nas curvas dos descaminhos, padecendo na inutilidade e tateando nas trevas da própria ignorância, se não fosse o trabalho desse incansável homenzinho de Uberaba, cujo exemplo de bondade a todos nos tem servido como bússola ao coração, cuja inteligência, a serviço da sabedoria dos Espíritos Egrégios, não deixa de estar sustentando - e mantendo - o progresso moral e espiritual da humanidade, em grande parte.

Um jovem que levou a sério sua missão, Francisco Cândido Xavier.

Difícil - impossível mesmo - calcular o número daqueles que, através das obras que ele psicografou, foram consolados em suas aflições; dos que ouvindo suas dissertações nas tribunas dos centros e diante das câmeras de televisão, receberam orientações precisas para suas dúvidas; dos que em diálogo franco com o médium, retificaram seus passos.

KLEBER HALFELD - Juiz de Fora-MG